

A PRÁTICA INTERDISCIPLINAR: as contribuições do paradigma holístico e a alteridade para sua efetivação

Andréa Kochhann¹
Adriana Kochhann Machado Zanella²

RESUMO: O presente artigo se concretizou como reflexo de uma pesquisa intitulada “A interdisciplinaridade: o paradigma holístico e a alteridade como alicerce dessa prática” que vislumbra discutir sobre as contribuições do paradigma holístico e da relação de alteridade para a efetivação da interdisciplinaridade, levando em consideração a identidade docente. Assim, o objetivo deste é apresentar as reflexões teóricas e metodológicas sobre as contribuições e os limites do paradigma holístico e da alteridade para a efetivação da interdisciplinaridade. A metodologia utilizada para a realização da pesquisa que alicerça este artigo, foi teórica bibliográfica interpretativa em teóricos como Fazenda, Lévinas e Costa Neto e empírica em uma escola de tempo integral, limitando-se aos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental I, com entrevistas semi-estruturadas, questionário misto e observação estruturada. Esta pesquisa subsidiou a elaboração de uma monografia de graduação e a elaboração de uma pesquisa para mestrado na PUC, que passa a investigar sobre os currículos dos cursos de Pedagogia da UEG e a formação de professores, levando em consideração que a identidade docente pode estar intimamente relacionada à sua formação acadêmica e continuada. A justificativa do tema se deve ao fato de que os discursos em eventos da educação tem sido permeado pela interdisciplinaridade, mas que percebe-se pela voz dos professores em pesquisa anteriores, as dificuldades para essa efetivação. A interdisciplinaridade precisa ser vista não apenas como uma intenção de prática pedagógica, mas, sim como ações que podem e devem ser concretizadas. Deixar de ser utopia pedagógica para ser realidade. Uma das formas defendidas neste trabalho é que a interdisciplinaridade encontra dificuldades mas que se apoiada na relação professor-aluno de alteridade e nos conceitos do paradigma holístico, poderá se efetivar.

PALAVRAS-CHAVE: Interdisciplinaridade. Paradigma Holístico. Alteridade. Identidade Docente.

INTRODUÇÃO

¹ Andréa Kochhann Machado de Moraes – Pedagoga pela UEG, especialista em Língua Portuguesa e Métodos e Técnicas Educacionais pela Universo, especialista em Docência Universitária pela UEG, mestre em Educação por Cambridge University International., mestranda em Educação pela PUC-GO. Docente de graduação e pós-graduação. Pesquisadora na área de formação de professores. Docente efetiva da UEG – Unu de São Luis de Montes Belos. Coordenadora do Curso de Pedagogia da UnU de São Luis de Montes Belos. Coordenadora da PAIDOS – Revista Eletrônica de Pedagogia da UEG – UnU de São Luís de Montes Belos. andreakochhann@yahoo.com.br, www.smb.ueg.br/paidos

² Adriana Kochhann Machado Zanella. Graduada em Gestão da Tecnologia da Informação pela UNICOC. Acadêmica de Educação Física pela UEG – UnU de São Luis de Montes Belos. Acadêmica pesquisadora PVIC/UEG em projetos educacionais. adriana_kochhann@hotmail.com

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

A presente discussão analisou a interdisciplinaridade, perante o paradigma holístico e a alteridade e para isso o problema foi “Quais as contribuições e os limites do paradigma holístico e da alteridade para a efetivação da interdisciplinaridade?”. Quanto às hipóteses, as contribuições são que a interdisciplinaridade se efetivará quando o paradigma cartesiano é rompido e o holístico-sistêmico incorporado, e, quando os professores conhecem aportes teóricos da alteridade e, quando os cursos de formação primam pela práxis. A interdisciplinaridade enfrenta limites de efetivação devido o paradigma cartesiano que ainda predomina as práticas dos professores universitários advindos de sua formação. Para corroborar ou refutar as hipóteses, seguiu-se o método materialismo dialético histórico, tendo como categoria a identidade docente. Tendo como metodologia observações sistematizadas, entrevistas semi-estruturadas e aplicação de questionário misto.

O objetivo maior é apresentar as reflexões teóricas e metodológicas sobre as contribuições e os limites do paradigma holístico e da alteridade para a efetivação da interdisciplinaridade, analisando a interdisciplinaridade no campo epistêmico-conceitual, histórico-social e didático-pedagógico, diferenciando os paradigmas cartesiano-newtoniano e holístico-sistêmico, discutindo sobre a relação de alteridade na produção do conhecimento, que perpassam por todas as relações dos seres humanos independente do quesito espaço-temporal.

Quanto a metodologia e procedimentos a pesquisa será teórico-empírica, sendo bibliográfica de caráter hermenêutica com base em Ivani Fazenda, Emanuel Lévinas e Costa Neto e empírica com observações, entrevistas e questionários mistos a docentes e observação nas turmas de 1º e 5º ano da escola em tempo integral E. A. L. G. de São Luís de Montes Belos. A justificativa deve-se ao fato de ser a única escola em tempo integral da cidade e a escolha pelas turmas deve-se ao fato de ser as turmas que iniciam e concluem o Ensino Fundamental.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Vislumbrando a compreensão conceitual e a possibilidade da aplicação da interdisciplinaridade no cenário educativo, se torna interessante um discurso quanto a sua origem no Brasil e para isso é preciso realizar um recorte na sua história mundial. O movimento interdisciplinar que objetiva iniciar uma nova visão de universidade e de escola, surge na Europa,

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

por volta da década de 60, momento de muitos movimentos estudantis.

Esses movimentos tinham como intuito romper a educação fragmentada, ou seja, acabar com a *educação por migalhas*, termo esse usado por Ivani Fazenda. A educação por migalhas aparece como a forma que tratavam a educação. Por isso Fazenda (1999) apresenta que na época a educação era trabalhada como, com e por migalhas. A crítica levantada pode ser identificada com alguns outros termos idealizados nessa mesma época, em vários lugares do mundo, como a chamada *Educação Bancária*, que Paulo Freire criticava, quando dizia que o homem precisa deixar de pensar fragmentado e ver o mundo dividido e os conhecimentos separados e engavetados, sendo necessário aprender a ler o mundo em sua totalidade.

Também é possível aliar ao discurso de George Gusdorf sobre a *Agonia da Nova Civilização*, quando alega que a civilização atual passa por uma forte agonia intelectual com o pensamento fragmentado devido práticas fragmentadas de ensino. Alegava também que a civilização sairia dessa agonia quando reorganizasse a forma de ver e pensar o mundo, fazendo-o de forma globalizada. Outro teórico que apresentou discurso criticando a situação da educação enquanto fragmentada, ultrapassada e desdenhada, foi Hilton Japiassu com *A Patologia do saber*, pois alegava que a educação estava doente e que necessitava com urgência de mudanças significativas quanto aos rumos da educação, já que seguindo os modelos elaborados e impostos à vários anos, não sanaria a patologia educacional.

Perante esse quadro fatídico de questionamentos sobre a forma como a educação se apresentava Edgar Morin, lança o discurso sobre a necessidade do *Conhecimento Pertinente*, dizendo que o mesmo é condição para a sobrevivência humana e que somente seria alcançado após transformações na forma de ver e agir na educação. Edgar Morin vai além apresentado que o conhecimento pertinente é fruto da *Teoria da Complexidade*, mostrando que o pensamento do ser humano é complexo e que para tanto precisa ser trabalhado neste viés.

É possível alegar que não somente países europeus, como a França e a Itália, refletiam sobre a educação, mas também no Chile e no Brasil. Visto que os autores supracitados residiam nestes países e oficializavam suas teorias nos mesmos e que foi aos poucos se espalhando. Como já afirmado, na década de 1960 ocorreu o movimento da interdisciplinaridade na Europa, que teve repercussão no Brasil, ainda nesta década, porém de forma bem sutil. Assim, surge a interdisciplinaridade defendida por Fazenda, num movimento contrário à educação por migalhas e à educação bancária, como possibilidade de sanar a patologia do saber e a agonia da civilização,

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

proporcionando um conhecimento pertinente.

Já em 1970, a interdisciplinaridade aparece no cenário educacional brasileiro apresentando necessidades de compreensão teórica, pois é interpretada como um *modismo educacional*, pois muitos educadores passaram a se valer desta palavra sem os cuidados epistemológicos e sem a consciência das dificuldades de sua aplicação, segundo Fazenda (1999). Para tentar esclarecer as controvérsias sobre a interdisciplinaridade e evitar que a mesma se torne um modismo, Hilton Japiassú publica um livro, composto por duas partes, sendo uma teórica e outra metodológica. Segundo Fazenda (1999, p. 24) “[...] a primeira na qual apresenta uma síntese das principais questões que envolvem a interdisciplinaridade, a segunda em que anuncia os pressupostos fundamentais para uma *metodologia interdisciplinar*.”.

Embora nessa época a interdisciplinaridade não tivesse uma definição única e restrita de sua teoria, é necessário um olhar atento da sua evolução nas últimas décadas, que tem como objetivo explicitar as fases e as contradições do movimento, indicando as principais dicotomias ciência/existência que emergem do assunto, segundo Fazenda (1999). Os teóricos pesquisadores sobre o assunto falam na necessidade de superar essa dicotomia, só assim poder-se-á superar a chamada crise das ciências ou das teorias, de modelo ou de paradigmas. Na concepção de Fazenda (1999) para haver essa superação necessita do exercício da interdisciplinaridade, compreendendo a dinâmica que é vivida por essa crise e o reconhecimento da importância e os impasses a serem superados.

Fazenda (1999) desenvolveu estudos como uma pesquisa de mestrado, tratando mais de aspectos conceituais do que metodológicos. A autora ainda analisou e investigou posições sobre a interdisciplinaridade na época da Reforma de Ensino no Brasil, constatando um descaso, falta de critério, de informação e perspectivas que subsidiavam a implementação do projeto reformista da educação 1970.

Fazenda (1999) ressalta que foi lançado, em 1980, na Europa, um documento sobre a aproximação das disciplinas, sabendo que a mesma não é somente uma síntese e sim a ação de perguntar e duvidar para o maior desenvolvimento das disciplinas. Esse documento se intitulava *Interdisciplinaridade e Ciências Humanas* que foi elaborado em 1983, por Gusdorf, Apostel, Battomere, Dufremne, Mommsen, Morim, Palmari, Smimov e Ui.

Esse documento trata da ligação das disciplinas, e a forma que uma exerce sobre a outra tanto no ponto de vista histórico ou filosófico. Faz-se uma reflexão sobre a dicotomia que

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

precisavam ser enfrentadas na época como teoria/prática, verdade/erro, certeza/dúvida, processo/produto, real/simbólico, ciências/arte. Ponto elementar de um paradigma.

Enquanto isso no Brasil, na década de 1980, alguns idealizadores de uma nova proposta educacional ainda vinham do *tempo do silêncio*. Termo usado por Ivani Fazenda, para demonstrar os efeitos do tempo da ditadura militar, que havia acontecido entre a década de 60 e 80. O tempo do silêncio se caracterizou pelo período em que pouco ou nada era permitido falar, cantar ou escrever. Motivo qual levou pessoas como Paulo Freire ao exílio.

Depois de tudo isso, em 1990, o Brasil começa uma busca para construir uma teoria de interdisciplinaridade, mas com caráter brasileiro. O principal objetivo dessa busca, segundo Fazenda (1999) era levar o professor a perceber que é o sujeito da sua própria ação, relevando aspectos que eram desconhecidos de si mesmo. Para a efetivação desse processo foi resgatado a memória das práticas em sala de aula, que foi registrado e analisado, passando a construir uma nova proposta, uma proposta interdisciplinar.

A década de 2000, inicia-se a busca pela consolidação da interdisciplinaridade, no campo conceitual, epistemológica ou até mesmo nas práticas pedagógicas. Para que haja essa consolidação é necessário um rompimento paradigmático, ou seja, novas reformas, que não necessita ser estruturais e sim reformas pessoais.

Não adianta novos prédios e novas leis, bem fundamentadas teoricamente, é necessário uma nova postura, sendo essa holística e interdisciplinar. Por isso há a necessidade de uma mudança continua na educação diante da necessidade interdisciplinar. Portanto, as quatro últimas décadas são marcadas pela busca de uma nova visão da educação, que durante anos vem sendo cada vez mais fragmentada. Fazenda (1999) junto com outros estudiosos sobre o assunto, vem levantando dados sobre a interdisciplinaridade.

Pode-se dizer então que em 1960 foi a gestação da interdisciplinaridade, através de movimentos que surgiram não só aqui mas por todo o mundo. Em 1970, marcado pelo o tempo de silêncio, a interdisciplinaridade começa a ser explicado e acaba visando o modismo. A década 80, a interdisciplinaridade veio com o intuito maior de explicação filosófica e sociológica. Já em 1990 expande as ideias sobre a interdisciplinaridade e finalmente em 2000 ainda há a luta para consolidar a sua luta. Cabe alegar que a interdisciplinaridade se caracteriza pelo nível mais elevado das interações entre as disciplinas. Zabala (1998) define a interdisciplinaridade como a interação entre duas ou mais disciplinas, que pode ir desde a simples comunicação de idéias até a integração

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

recíproca dos conceitos fundamentais e da teoria do conhecimento, originando quase sempre um corpo interdisciplinar. D'Ambrosio (2005, apud FAZENDA 2008) destaca o sentido da interdisciplinaridade como parte integrada e relacionada das diferentes áreas do conhecimento.

Behrens (2008) fala da interdisciplinaridade como uma atitude. Provocada por uma posição de interconexões das disciplinas que devem se inter-relacionar e desencadear uma interação entre duas ou mais disciplinas. Concordando, Fazenda (2008, p.7) define

[...] interdisciplinaridade é uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão. Exige, portanto, na prática uma profunda imersão no trabalho cotidiano.

Para autora a atitude deve está ligada ao exercício de uma ação, desde que essa tenha uma intencionalidade conhecida. Pois penso, decido, e parto para agir, caracterizando a atitude. A atitude está relacionada aos movimentos ocorridos na história de vida, vivências, desejos, conceitos, crenças, ligados profundamente com a identidade profissional.

Já Fourez (2001) apresenta como conceito de interdisciplinaridade o “contato interdisciplinar”, que é a possibilidade de transferir pontos de vistas e métodos de uma disciplina para outra. Morin (2000, p.115) também conceitua sobre o tema, ressaltando “[...] pode significar também troca e cooperação, o que faz com que a interdisciplinaridade possa a vir a ser alguma coisa orgânica”.

Na interdisciplinaridade há uma conexão entre as disciplinas, cooperação e diálogo entre disciplinas e conhecimento. Para Piaget (2000, apud LUZURIAGA, 2001) a interdisciplinaridade é uma forma de pensar, de se alcançar a transdisciplinaridade, portanto, o conhecimento nesse sentido é ir além dos bancos da escola e do saber fragmentado. É possível dizer que uma das maneiras mais simples e eficazes de se fazer a interdisciplinaridade é aplicando conhecimentos de uma disciplina em outra. Os limites apresentados é a sistematização que limita uma disciplina, ou seja, não havendo uma interação de uma disciplina com a outra.

O mundo contemporâneo passa por mudanças culturais vindas dos impactos tecnológicos. Perante as novas tecnologias é necessário novos conceitos, novas habilidades e competências cognitivas em relação as tecnologias. É preciso saber que cada vez mais as imagens falam por si só, e que a tecnologia aparece como possibilidade operacional e facilitadora. São vários os limites, mas o educador interdisciplinar necessita reconhecer e aceitar que sua prática já não mais atende as

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

necessidades da sociedade e mudá-la, é imprescindível uma boa relação entre professor e aluno, havendo reflexão e diálogo na construção do saber.

Sua conceituação segundo Fazenda (2008) não tem que ser a partir de uma forma prática, mais sim de uma reflexão a respeito de sua atitude, que devem ser interdisciplinares. Para isso deve ser bem compreendida, para que não haja desvios na sua prática. Fazenda (2008) ainda alega que com uma época de crise pode deve se ter uma conduta de rupturas e questionamentos. Do qual levamos a ter um pensar sobre outras possibilidades, rever alguns conceitos e concepções com um olhar amplo de perspectivas deixando as explicações únicas e as verdades universais que envolve toda a história.

A essa conclusão ainda propõe a ruptura com o tradicional cotidiano da escola, e necessário professores que sejam flexíveis conseguindo conviver com o outro sem deixar de lado suas características, abrangendo a interdependência, o compartilhamento, o encontro, o diálogo junto às transformações. A fim de deixar de ser um movimento e passar a ser uma atitude. Fazenda (2008, *apud* JAPIASSU, 2006) ressalta que a interdisciplinaridade não é uma categoria de conhecimento, mais deve ser entendida como uma ação, ou seja, uma atitude de ação. Sem ter a ilusão que basta um contato entre as disciplinas para se ter a interdisciplinaridade.

Fazenda (2008) ainda ressalta que o mundo contemporâneo exige uma postura interdisciplinar e uma relação de alteridade, onde o conhecimento haja junto as transformações contínuas da contemporaneidade, junto a instituições de ensino, aos professores. E que com isso possa ser elaboradas novas atitudes, caminhos, pesquisas, saberes, projetos, que busquem dar mais enfoque as instituições de ensino e ao trabalho do professor. Assim Fazenda (2008, p. 162) define a interdisciplinaridade como

Interdisciplinaridade é uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão. [...] a interdisciplinaridade pauta-se numa ação em movimento. Pode-se perceber esse movimento em sua natureza ambígua, tendo como pressuposto a metamorfose, a incerteza.

Se a interdisciplinaridade exige uma nova visão de mundo, da realidade e sua proposta maior é o todo, o seu objetivo maior é de dar oportunidade de criar elos entre o conhecimento e a realidade. Os objetivos da interdisciplinaridade são a ousadia, sabedoria, humildade, formação continuada e vários outros. Pois é necessário ter ousadia e sabedoria para executar os

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

conhecimentos, precisa ser humilde para ouvir e aceitar as idéias e opiniões dos outros e necessita também estar em constante transformação no que tange a educação, pois um educador para ser interdisciplinar necessita alçar vôos altos, em busca do novo, para que a sua teoria seja sempre aliada a prática e conseqüentemente a sua práxis será um sucesso.

A intenção maior da interdisciplinaridade não é de ensinar, nem aprender é o viver, exercer, envolver as pessoas, as instituições num contínuo fazer. Como a interdisciplinaridade não se resume apenas em intenção é necessário um debruçar hermenêutico para a consolidação da mesma, pois como afirma Fazenda (1999, p.35) “[...] Interdisciplinaridade não fica apenas no campo da intenção, mas na ação, que precisa ser exercitada”.

Fazenda (2008) cita a prática pedagógica e a define como o que o professor faz no seu estabelecimento de ensino com a presença ou não dos alunos, sendo ela, uma ação ligada diretamente aos atos vivenciados no âmbito escolar, seja no encontro com os alunos, com os colegas ou com os pais. Então ela revela as competências, os invariantes de conduta, e os esforços realizados por esses profissionais diante a desafios impostos pelos processos de ensino-aprendizagem, para Fazenda (2001, p. 13) é necessário fazer “a magia das práticas, a essência de seu movimento”.

Para que a atitude interdisciplinar possa ser internalizada mediante as práticas pedagógicas é necessária uma nova postura, mais não é algo simples, fácil mas também, não é algo complexo ao ponto de não ser alcançado. É preciso que o educador se reconheça interdisciplinar a partir da angústia que acarreta das práticas tradicionais, como isso, a busca pelo conhecimento através de estudos, pesquisas, dará um alívio diante das antigas práticas, chamadas cartesianas-newtonianas.

É preciso ressaltar que o paradigma cartesiano-newtoniano que tem como características a linearidade, a fragmentação, o determinismo, a incoerência entre teoria e prática, já não atende mais as necessidades da sociedade atual, necessitando-se assim de um romper de paradigmas na educação.

Uma das características deste paradigma é que o aluno é um mero receptor de informação, sendo o professor um transmissor de conhecimento, ficando o aluno apenas com a tarefa de guardar essas informações, isto é o aluno pode ser considerado uma tábua rasa, que terá as inscrições realizadas em sua mente pelo seu professor, porque não tem condições e não pode expressar suas ideias, críticas e reflexões, apenas aceitar o pronto e acabado, conforme alegava o filósofo Rousseau em vários trabalhos seus e a corrente behaviorista.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

O professor como um transmissor de conhecimento fica sendo o privilegiado, sendo ele considerado o *donos da verdade*, onde o aluno não possui autonomia, ou seja, “O sujeito da ação executa a transmissão do conhecimento e o objeto, o aluno, recebe esta ação e a devolve em forma de aprendizado.”, como mostra Costa Neto (2003, p. 41).

O ensino pode ser considerado, neste paradigma, como uma transmissão de verdades e a aprendizagem pode ser entendida como a assimilação das transmissões feitas pelo professor. Segundo Costa Neto (2003, p.46) isto significa que “Ensinar é repetir, aprender é memorizar.”. O professor nesse caso é um portador de conhecimento os quais são depositados nos alunos e estes necessitam memoriza-los, para depois repassá-los. Enquanto que os currículos passam a ser uma mera justaposição de disciplinas isoladas e quiçá hiperespecializadas, reduzidas à fragmentação desarticuladas, fechados e incomunicáveis, onde ocorre um didatismo extremado e conteudístico.

Enquanto que é possível conceituar o paradigma holístico como um processo flexível, dinâmico, não fragmentado, que haja diálogo entre professor e aluno, onde o processo de ensino e aprendizagem seja algo prazeroso e que aconteça de forma interdisciplinar, havendo uma interligação de uma disciplina com a outra, pois segundo Costa Neto (2003, p. 104), o paradigma holístico se identifica como uma “Fundamentação sistematizada da ciência transdisciplinar por uma abordagem dinâmica, flexível, evolutiva e contínua para a formação integral da pessoa.”.

No paradigma holístico o aluno é o centro e o professor um mediador do conhecimento, sendo que neste momento o aluno pode e deve apresentar suas críticas, reflexões e a partir daí construir seu conhecimento. No paradigma holístico Costa Neto (2003, p. 104) alega que os conteúdos e programas acontecem de forma flexível, aberta, em constante transformação, interdisciplinar, com a união entre teoria e prática, e que são “Contextualizados à diferentes realidades vivenciais individuais/sociais. Instrumentos de melhoria conceitual, teórica e prática.”.

O comportamento que se espera do aluno nesse paradigma, é um cidadão crítico, reflexível, participativo, criativo, autônomo, dentre outras características, pois é imprescindível que o aluno seja o produtor do seu conhecimento e para isso ele necessita ter essas características. Costa Neto (2003, p. 107) nos explica que o aluno precisa ter “Raciocínio divergente, pensamento complexo, cumprimento negociado dos deveres e reivindicações dos próprios direitos, sendo sujeito da própria história.”.

O professor tem papel fundamental nesse processo de ensino e aprendizagem, sendo considerado um facilitador desse processo, um mediador de conhecimento, um “Agente da

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

transformação e construção do ato educativo, desencadeando a visão complexa do aluno, seus fins e estratégias nos sentidos teórico e prático, de forma afetiva, lúdica.”, como nos aponta Costa Neto (2003, p.108). Portanto, o professor necessita ter um diálogo com seus alunos, para que esse processo de ensino/aprendizagem ocorra de forma prazerosa para ambas as partes.

E, portanto, a finalidade da educação nesse paradigma é a de ser um processo contínuo, interativo, crítico, reflexivo, e que possa “Possibilitar a visão crítica para a reordenação e transformação do meio, do ambiente, das normas, dos princípios e da cultura, com vistas aos ajustes necessários para se viver melhor e mais plenamente.”, como diz Costa Neto (2003, p. 110).

É salutar neste momento dizer que para a efetivação da prática interdisciplinar é preciso o engajamento responsável de todos e por esse motivo a alteridade deve ser a ponte. Segundo Fazenda (1999a, p. 17) “Começa a aparecer uma epistemologia da ‘alteridade’, em que razão e sentimento se harmonizem, em que objetividade e subjetividade se complementem, em que corpo e intelecto convivam, em que se e estar co-habitem, em que tempo e espaço se intersubjetivem.”. Ainda Fazenda (2001, p. 22) aponta que a “Interdisciplinaridade é uma atitude, isto é, uma externalização de uma visão de mundo que, no caso, é holística.”. É possível perceber nos discursos de Fazenda o toque da alteridade e da postura holística como possibilidades para a efetivação da interdisciplinaridade, que não deve ser vista como um mero método didático, mas sim como princípio básico para a produção do saber científico.

A postura holística e a prática interdisciplinar perpassam pela humildade e a aceitação do outro na construção do conhecimento. Isso é relação de alteridade. Lévinas apresenta um discurso sobre a questão ética nas relações e (re)conhecimento do outro enquanto encontro consigo mesmo, ou seja, colocar o outro no lugar do ser. Essa concepção ética e do outro, faz necessário para a efetivação da interdisciplinaridade. O pensar de Lévinas remete a compreensão da linguagem efetivada que perpassa pela identidade docente e pelas suas práticas pedagógicas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Quanto ao objetivo desta pesquisa foi exploratória buscando obter maiores informações sobre a temática, e, interpretativa ou hermenêutica em relação aos dados teóricos e empíricos. Como a pesquisa é teórico-empírica, primeiramente far-se-á a parte teórica, através da pesquisa bibliográfica, interpretativa, explicativa ou hermenêutica. Além de vários artigos para

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

conhecimento inicial da teoria, também autores como Fazenda (1979, 1991, 1999, 2001 e 2003), Morin (2001, 2003 e 2007), Costa Neto (2003), Behrens (2005), Brandão (2002), Lévinas (2005, 2006 e 2007). O lócus da empiria foi a única escola em tempo integral da cidade, conhecida por E. A.L.G., o que justifica a escolha do lócus.

Quanto as técnicas e procedimentos na Escola foi com observação sistematizada pelo diário de campo na sala de aula, com pelo menos duas repetições em cada turma, visto que a escola atende do 1º ao 5º ano. Porém, limitou-se ao 1º e 5º ano, por serem as turmas ingressantes e concluintes. Os entrevistados foram os coordenadores e professores da Escola, o intuito foi trabalhar com todos os professores, visto que a população não é grande. Foram observações nas aulas de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências, e teve como o intuito de ver se a interdisciplinaridade ocorria na sala de aula, como acontecia, e se realmente é trabalhada.

Para tanto, utilizou-se o Método Materialismo Histórico Dialético, visto a relação entre o sujeito e o objeto, já que os pesquisadores estão inseridos na pesquisa, portanto estabelecendo uma relação dialética entre sujeito-objeto. Ressalta-se que levou em conta a contradição dos fatos é de exímia importância nesta pesquisa, visto que os pesquisadores são os descobridores das relações que se apresentam ocultas nas relações que se estabelecem. Analisou-se os dados a partir da categoria como a identidade docente, pois a partir desta a interdisciplinaridade poderá se efetivar contando com a postura docente holística e a relação de alteridade, ou não. A contribuição ou o limite foi obtido a partir da identidade docente.

RESULTADOS

A escola onde foi feita a observação é a escola E.A.L.G.D na cidade de São Luis de Montes Belos – GO, situada em uma região mais carente da cidade. A escola foi construída a dois anos com o intuito de ser uma escola modelo em tempo integral, onde atende a educação infantil e ensino fundamental I. Mas, enfrenta dificuldades quanto suas políticas internas pela falta de apoio da Secretaria Municipal de Educação, segundo a Diretora da escola. No começo para o funcionamento da escola, os professores criaram um material muito superficial com base em algumas visitas em duas escolas de tempo integral em Goiânia. Ressaltou que as visitas foram sem muita expressividade naquilo que buscavam, ou seja, pouco auxiliou no processo de aprender a ser uma escola em tempo integral.

Mas, o que não pode ser negado é quanto a estrutura física da escola ser muito boa, tendo

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

espaço que consegue atender os alunos no tempo integral. Sua estrutura é composta de 1 refeitório grande onde há uma cozinha integrada, 7 salas de aulas, 2 banheiros que atendem os alunos, 1 sala que atende a secretária, 1 sala dos professores, o pátio da escola oferece um espaço amplo para as crianças brincarem, quadra esportiva, e piscinas.

Na turma do 1º ano, que conta com 28 alunos, foram feitas observações em quatro aulas de disciplinas diferentes sendo estas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e História e Geografia que são trabalhadas de forma interdisciplinar. Deste modo, as primeiras constatações foram as de que a sala é pequena para atender os alunos, e para uma turma de primeiro ano, apresentado ainda uma grande quantidade de alunos. Através de relatos da professora, averigou-se que a turma tem três crianças com dificuldades de aprendizagem acentuadas, onde é feito um trabalho de reforço com as mesmas no contra turno, pois é uma escola de tempo integral. A coordenadora também ajuda a professora na “toma da leitura” que é feita na maioria das vezes como o auxílio de cartilhas. Em relatos da professora constatou-se que algumas crianças apresentam um comportamento indisciplinar e agressivo.

Em observação da aula de Língua Portuguesa relata-se que ao dar início a aula a professora apresenta a turma e fala sobre o trabalho da pesquisa. Inicialmente, os alunos após chegarem foram conduzidos pela professora ao refeitório para tomarem café da manhã, sendo este, segundo a professora e a diretora muito importante, uma vez que algumas crianças vêm de casa sem se alimentarem, e isso pode ocasionar dificuldades de aprendizagem. Logo retornaram à sala de aula.

No primeiro momento da aula a professora trabalhou a disciplina de Língua Portuguesa e relatou que esta disciplina e a de Matemática são trabalhadas todos os dias da semana devido a carga horária ser maior, a professora distribuiu as atividades de interpretação do texto “A Violeta” em folha digitalizada para as crianças. A professora fez a leitura coletiva com as crianças, e logo após pediu que lessem de fila em fila. Nota-se que pela sala estar cheia a professora encontra dificuldades em fazer a leitura individual. Nota-se também que a sala é heterogênea no que se trata da leitura, alguns alunos têm melhor desempenho e outros apresentam um rendimento menor quanto a leitura.

Quanto a interpretação do texto lido, alguns alunos não conseguiram alcançar os objetivos propostos pela professora para tal atividade. A maioria apenas decifrou os símbolos gráficos das palavras. A professora esteve sempre ajudando cada um, mas por ser uma sala com muitos alunos, tal atividade acaba sendo dificultada e a professora não conseguiu atender a todas as crianças.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Pôde-se perceber que embora a professora tenha afirmado que a turma possui comportamento indisciplinado e agressivo, não foi possível constatar tais comportamentos na prática durante as observações realizadas.

Durante esta primeira observação, considerando as atividades propostas pela professora regente da sala tomada como *locus* da pesquisa alega-se como não interdisciplinar, pois a disciplina de Língua Portuguesa deve ser vista como a base de todo o processo de comunicação e aprendizagem, e necessária para entender todas as outras disciplinas, assim ressaltando atividades que levem os alunos há uma aprendizagem significativa, como alega Fazenda (2003) e isso não foi percebido pelas análises.

A segunda aula observada foi a de Matemática. A professora regente introduziu a aula apresentando algumas situações-problemas envolvendo subtração e adição, passando algumas destas situações no quadro giz e questionando os alunos. Durante o decorrer da aula, a professora sempre esteve questionando buscando levantar possíveis dúvidas dos alunos para consequentemente saná-las. Nota-se que os alunos são participativos e possuem interesse em estudar matemática.

No segundo momento a professora distribuiu algumas atividades também digitalizadas e explicou o que devia ser feito. Percebe-se que estes alunos são questionadores e tentam concluir as atividades, e a professora dentro das suas possibilidades tenta atender a todos. A professora se esforça para fazer da aula um verdadeiro diálogo, mas percebe-se que sente muita dificuldade e às vezes desiste do diálogo, colocando “ordem na sala”.

Geralmente a Matemática é uma disciplina que é temida pela maioria dos alunos, pois ela é apresentada como algo difícil mediante as práticas usadas em sala de aula. Esta disciplina deve propor desafios aos alunos, que proporcione uma aprendizagem significativa. As atividades que a professora regente propôs aos alunos segue o modelo tradicional das atividades trabalhadas em décadas, sem nenhuma mudança, o que configura o paradigma cartesiano.

Quanto a observação realizada nas aulas de Geografia e História, em relato a professora assevera que tais disciplinas são trabalhadas juntas, pois o conteúdo são bastante semelhantes, deste modo a escola denomina a fusão destas disciplinas “Geo-História”. A professora regente ainda coloca que sempre busca fazer uma interdisciplinaridade entre estas disciplinas e a de Língua Portuguesa. Foi feita uma leitura coletiva com os alunos sobre os meios de transportes, no segundo momento após a esta leitura, foi proposta pela professora uma atividade correlacionada à

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

interpretação de texto.

Considera-se que a professora poderia ter explorado melhor o texto, fazendo interligações do que no mesmo fora tratado com aspectos relacionados ao cotidiano, trabalhando de modo interdisciplinar. Sugere-se deste modo um trabalho que seja mais aproveitado pela parte mais importante da aprendizagem que é o aluno, segundo o paradigma holístico, como defende Costa Neto (2003).

No tocante a observação da aula de Ciências, a professora introduziu a aula fazendo uma revisão dos conteúdos anteriores e ressaltando com mais destaque o conteúdo que estava sendo trabalhado na presente aula que era sobre os animais selvagens e domésticos. No primeiro momento foi feito um círculo de discussões, sobre os animais. Durante esta atividade é possível perceber que as crianças querem a todo o momento participar ativamente da discussão, dando sugestões, falando de animais que conhecem.

A professora distribuiu as atividades em folhas digitalizadas (anexo 4) e explicou a diferença entre animais domésticos e selvagens. As crianças foram copiando do quadro as palavras nas atividades até completarem o que era proposto pela atividade. Vê-se que as atividades trabalhadas nesta aula de ciências observada, em suma foram bastante simples e poderiam ser mais instigantes. Isto poderia ser alcançado, por exemplo, com um passeio em uma fazenda ou até um criatório de animais. De maneira geral, pode-se perceber que a interdisciplinaridade não é um dos objetivos propostos pela professora regente da sala observada, uma vez que em suas atividades pouco se notou relações entre os conteúdos e conhecimentos diferentes.

Em outro momento, observou-se cinco aulas na turma do 5º ano da já referida escola E. A. L. G. D, em cinco aulas de disciplinas diferentes sendo estas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia. Esta turma conta com 23 alunos. A estrutura da sala é boa, sendo espaçosa e ventilada. A mesma possui uma criança com deficiência mental diagnosticada, onde a professora faz um trabalho diferenciado com esse aluno, mas não conta com uma professora de apoio. Um fato considerável é que a turma possui um número grande de alunos repetentes e com certa distorção série/idade.

Quanto às observações da aula de Língua Portuguesa, no primeiro momento foi trabalhado o reforço. Este reforço é feito durante as aulas, devido esta turma não contar com o contra-turno, onde geralmente isto é trabalhado. Esta atividade de reforço envolvia o estudo das letras “c, ç, s, ss, sc, sç, xc”. Após algum tempo fornecido aos alunos para que eles executassem as atividades a

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

professora fez a correção da mesma no quadro giz. Logo após a professora fez o estudo dos pronomes de tratamento, realizando atividades no livro didático e as correções foram feitas no quadro giz.

Durante a aula observada a professora passou as atividades no quadro disponibilizando um tempo para que os alunos estivessem resolvessem as atividades propostas. Nota-se que eles têm muita dificuldade em trabalhar a interpretação do texto. Outra percepção possível foi a de que boa parte da turma pareceu não estar interessada com na aula.

Concernente às observações da aula de História, foi possível perceber que são poucas as diferenças em relação a forma de trabalho com as outras disciplinas. Nesta aula, em específico, a professora inicia a aula distribuindo o texto que tratava da “Marcha para o oeste e a construção de Goiânia”, pedindo que os alunos fizessem a leitura prévia do mesmo. Em seguida foi feita a leitura de trechos do texto seguidos de comentários, sendo possível notar certo desmotivação dos alunos, o que pode ser ocasionado devido a tais atividades não estarem sendo atraentes, Logo após terem terminado as questões, a professora corrigiu as atividades no quadro.

No início de outra aula observada, agora na disciplina de Geografia, a professora utilizou o livro didático para o trabalho com o conteúdo sobre “A vegetação do Brasil-Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Caatinga, Cerrado, Mata das Araucárias”. Logo após, a professora pediu para que ao alunos fizessem a leitura dos fragmentos dos textos e, assim foi explorando-os através dos exemplos de discussões realizando atividades sugeridas pelo livro didático.

Por fim, observou-se a aula de Ciências, onde o conteúdo proposto, o estudo do corpo humano, mas ligado ao sistema reprodutor, parecia bastante instigador para os alunos, sendo feita a leitura comentada do texto proposto no livro didático. Logo em seguida, foram feitas explanações acerca do conteúdo estudado e realizadas as atividades. A correção foi feita no quadro giz. Pode-se concluir acerca das observações realizadas na turma do 5º ano que as aulas ainda seguem parâmetros cartesianos. Talvez o trabalho interdisciplinar sobre o plano holístico é o ideal.

Foram aplicados questionários mistos para as professoras das salas que foram feitas as observações. A formação das duas professoras entrevistadas é em pedagogia, na Universidade Estadual de Goiás, na modalidade parcelada, ou seja, estudaram três anos nos finais de semana e com o intensivo em julho e janeiro. Cabe neste momento um questionamento: será que os cursos na modalidade parcelada realmente qualificam ou apenas certificam, já que o surgimento desses cursos foi para atender a exigência da LDB 9394/96, que dava um prazo de dez anos para todos os

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

professores que tivessem em sala de aula estarem formados. Essa formação que as parceladas atenderam seria para qualificação ou para certificação? Eis uma possível problemática para uma outra pesquisa.

Outro questionamento feito foi se a formação das referidas professoras lhes deram base para atuar no campo escolar. A professora do 5º ano respondeu que “*Sim. Foi de grande relevância para mim na condição de educador, principalmente língua portuguesa para sanar ou intervir nas aulas que ministrei*”. A professora do 1º ano respondeu que “*Um pouco. Mas a prática cria situações variadas onde leva o professor a pensar na sua metodologia e buscar uma formação continuada para ajudar no seu trabalho.*”. Mediante essas respostas podemos perceber que a formação delas está deficitária.

Outro questionamento levantado foi sobre como elas enxergam o seu aluno mediante ao processo de ensino-aprendizagem. A professora do 1º ano respondeu que “*O aluno aprende gradativamente, depende do meio em que vive, e o conhecimento que traz de casa*” já a do 5º ano respondeu que “*Considero que o educador é um mediador de conhecimentos, e não um detentor. É preciso haver essa troca de conhecimentos para uma boa aprendizagem.*”.

Para responder essa indagação o outro questionamento feito a elas é sobre quais as atividades desenvolvidas em sala de aula, se elas conseguem levar o aluno a aprender nas diferentes disciplinas Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia. A professora do 5º ano respondeu que na disciplina de Língua Portuguesa trabalha “*bastante leitura, textos diversificados, produções de textos, vídeos, livros literários, pesquisas extra-classe, contação de história, atividades gramaticais (contextualizadas)*”. Na disciplina de Matemática a professora trabalha “*Materiais concretos (material dourado), dominó, jogo da memória com tabuada. Textos, probleminhas e situações-problema. Leitura de tabuada, brincadeiras, atividades do livro didático com as quatro operações*”. Na disciplina de história trabalha com “*leitura dos textos do livro didático, textos diversificados da internet e livros de apoio. Visitas a lugares importantes para as aulas de história. Aulas expositivas e compartilhada, trabalhos, pesquisas e seminários em sala de aula*”. Nas aulas de Ciências são trabalhadas “*leitura coletiva, recortes e trabalhos, atividades extra-classe, palestras com profissionais nas áreas e assunto (tema a ser trabalhado)*”. Nas aulas de Geografia “*trabalhos, pesquisas, seminários, leitura dos textos do livro dos alunos, leitura individual e coletiva. Resumo da leitura do livro de apoio para fonte de pesquisa para os alunos pesquisarem em sala.*”.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

A professora do 1º ano respondeu que na disciplina de língua portuguesa tenta “*criar um ambiente alfabetizador na sala com vários textos, promover atividades cujo o objetivo é ler e escrever.*”. Na disciplina de matemática “*sempre começo com material concreto e passando para a forma convencional seguindo o currículo.*”. Na disciplina de Geografia trabalha com “*desenhos, colagens, cruzadinhas, caça-palavras com os conteúdos.*”.

Neste momento levanta-se o questionamento sobre qual o motivo teria a professora para não responder como trabalha as disciplinas de ciências e história, pois o questionário foi entregue a ela com tempo suficiente para responder todos os questionamentos. Percebe-se que a professora do 5º ano tem uma visão do que é a interdisciplinaridade, mas em sua prática em sala de aula, vemos através das observações realizadas que as suas aulas estão muito presas ao livro didático. Já a professora do 1º ano não apresenta um perfil interdisciplinar, preocupa apenas com a leitura e escrita dos alunos.

Outro questionamento levantado foi que atividades você realiza que envolve as várias disciplinas, a professora do 5º ano respondeu que “*Alguns projetos proposto para a escola agrinho, educanvisa) pesquisas e recortes, cartazes, visitas extra-classes, textos, filmes, brincadeiras.*”. A professora do 1º ano respondeu que “*os projetos desenvolvidos na escola, datas comemorativas, os temas transversais e os textos que envolvem ciências e história.*”.

Também foi questionado se elas se achavam professoras interdisciplinares, a professora do 1º ano respondeu que não, já a do 5º ano respondeu que se acha uma professora interdisciplinar. Foi questionado se elas já leram alguns trabalhos, artigos, livros que falam sobre interdisciplinaridade a professora do 1º ano respondeu que “*sim, por poucas vezes*” e a do 5º ano respondeu que “*sim, por varia vezes*” e quando a respostas era essa alternativa pedia-se para citar um autor, ela cita Paulo Freire. Demonstrando assim que realmente não tem conhecimento teórico sobre a interdisciplinaridade, mesmo sendo Freire um defensor dessa prática, este não é o teórico que discute diretamente a interdisciplinaridade.

Outro questionamento levantado e como deve ser um professor interdisciplinar, a professora do 5º ano respondeu “*precisa ser criativo, buscando inovações, pesquisador e leitor. Fazer de um conteúdo a realidade para o aluno, ou seja, trazer para a sua realidade o que as vezes está distante. É o professor usar um conteúdo em varias disciplinas, transformando em algo prazeroso para os alunos.*” Perante os questionamentos realizados e analisados pode-se dizer que as professoras ainda não possuem uma identidade voltada para a interdisciplinaridade,

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Quanto aos questionamentos sobre a alteridade, defendido por Lévinas, fora perguntado se elas achavam que os alunos aprendem mais quando há uma boa relação entre professor e aluno. Uma das professoras alegou que *“Com certeza isso acontecerá. Porque o aluno precisa ter confiança no seu professor e uma boa relação para entender os objetivos do seu educador.”* Enquanto que outra professora respondeu que *“Sim. Quando o professor prioriza a construção do conhecimento, orientando estimulando e incentivando o aluno a construir o seu conhecimento.”*

Como visto pelas respostas das professoras, as mesmas assumem que a aprendizagem do aluno depende muito da relação entre o professor e o aluno, sendo que, quando este apresenta confiança no professor ele se entrega e o desenvolvimento acontece de forma tranqüila e mais estruturada. Quando se estabelece essa forma “amiga ou altera” entre ambos o professor consegue alcançar seus objetivos com mais rendimento, sempre orientando, estimulando e incentivando. Pode-se perceber que a primeira professora apresenta-se mais afável em sua resposta, enquanto que a segunda mais técnica, pois a primeira leva em consideração a confiança e a segunda o incentivo.

Outro questionamento feito foi quanto a visão das mesmas sobre o que significa uma boa relação professor-aluno. A primeira professora respondeu que *“Significa respeito mútuo. É o educador saber que seu trabalho depende do aluno. É ajudar, entender, conversar, disciplinar com amor e na hora certa. Precisa passar para o aluno uma confiança e seus objetivos a serem alcançados.”*. Ressalta-se pela resposta da professora que para alcançar essa relação é necessário a sua compreensão, entender a razão e porque se faz preciso uma relação de respeito mútuo. O professor sabe que seu trabalho se faz produtivo quando ele é capaz de interagir com seu aluno e da mesma forma o aluno admira e se espelha no professor quando é cativado. Isso é relação de alteridade, assumir que seu sucesso depende do outro, reconhecer o outro como parte de sua existência e que necessita do outro para se fazer.

CONSIDERAÇÕES

Difícil pensar em interdisciplinaridade, quando se foi acostumado durante décadas, pensar a educação compartimentalizada, produto da escola tecnicista e da prática cartesiana. No entanto para que o aluno saiba enfrentar a vida num processo dialético, considerando simultaneamente a teoria e a prática, é bom se sentir, se encontrar, poder ser, para poder então ‘fazer’, pois estes são os pilares da educação, segundo Delors (2000).

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Fazenda (2001, p. 22) aponta que a “Interdisciplinaridade é uma atitude, isto é, uma externalização de uma visão de mundo que, no caso, é holística.”. É possível perceber nos discursos de Fazenda o toque da postura holística como possibilidade para a efetivação da interdisciplinaridade, que não deve ser vista como um mero método didático, mas sim como princípio básico para a produção do saber científico.

Costa Neto (2003, p. 27) realiza um discurso no tocante a apresentar possibilidades de identidade docente, dizendo que “É nosso propósito orientar metodologicamente uma nova prática [...] Que rejeite a fragmentação imposta ao longo dos séculos de império absoluto da razão, que facilite o aprender pela elaboração própria, substituindo a curiosidade do escutar pelo produzir.”. É claro que os docentes não conseguirão uma identidade holística num piscar de olhos, é preciso uma mudança conceitual, epistemológica para então didática. Por isso, é necessário um repensar, um rever na educação e nos cursos de formação de professores. Sobre isso Costa Neto (2003, p. 30) diz que “Isso significa que os educadores deverão mudar o seu modo de pensar fragmentário, o qual deverá tornar-se holístico.”.

Discutir a identidade docente é preciso primeiramente realizar um recorte teórico. Por isso Ivani Fazenda discute uma epistemologia conceitual onde a interdisciplinaridade se apresenta como a mola propulsora do paradigma holístico-sistêmico, discutido por Costa Neto, bem como o referencial teórico de Emanuel Lévinas sobre o reconhecimento do outro para sua identidade. Mas, para isso a identidade do educador precisa deixar de ter traços cartesianos e lineares e de relação autoritária.

Lembrando que a pergunta problema que permeou o discurso desta pesquisa foi “Quais as contribuições e os limites do paradigma holístico e da alteridade para a efetivação da interdisciplinaridade?”, o que objetivou apresentar as reflexões advindas do crescimento teórico e das observações *in lócus*. Quanto às hipóteses que foram levantadas, corroborou-se perante a teoria e a empiria, quando se alega que a interdisciplinaridade se efetivará quando o paradigma cartesiano for rompido e o holístico-sistêmico incorporado, e, quando os professores conhecerem e agirem perante os aportes teóricos da alteridade. A interdisciplinaridade continuará enfrentando limites de efetivação devido a existência da prática docente cartesiana em alguns professores.

Assim, sugere-se que devem criar novas metodologias a serem trabalhadas perante as práticas interdisciplinares com os professores e o resgate do valor do outro, do qual é o grande alvo da

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

interdisciplinaridade, pois os mais interessados deveriam ser os professores, que formam cidadãos. Finda-se aqui as reflexões teóricas e metodológicas acerca das contribuições e limites do paradigma holístico e da alteridade para a efetivação da interdisciplinaridade, mas não finda-se o desejo de discutir sobre a temática.

REFERÊNCIAS

BEHRENS, Maria Aparecida. **Paradigma da complexidade: metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COSTA NETO, Antonio da. **Paradigmas em educação no novo milênio**. 2. ed. Goiânia: Ed. Kelps, 2003.

FAZENDA, Ivani. C. **Interdisciplinaridade: História, teoria e prática**. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 1999.

FAZENDA, Ivani. C. (coord). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 2001.

FAZENDA, Ivani. C (org.). **O que é interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2008.

FOUREZ, G. **Fondements épistemologiques pour L'interdisciplinarité**. In: Lenoir, Rey, Fazenda. Les fondements de L'interdisciplinarité dans la formation à L'enseignement. Shesbrooke. Canadá: Éditions CRP/UNESCO, 2001.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LÉVINAS, E. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. São Paulo: Vozes, 2005.

LÉVINAS, E. **Humanismo do outro homem**. São Paulo: Vozes, 2006

LÉVINAS, E. **Ética e infinito**. São Paulo: Edições 70, 2007.

LUZURIAGA, L. **História da Educação e da Pedagogia**. 19. ed. São Paulo: Nacional, 2001.

MORIN, Edgar. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do futuro**. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2003

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. Maria da

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho (org).4. ed. São Paulo: Cortez: 2007.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.